

#\$ETEMBRO_2009

/maira begalli

#mutsa! • primavera 2009

Ho dia 7 de setembro a rede MetaReciclagem (dentro da nova proposta do Núcleo Editorial Mutirão da Gambiarra) iniciou um de seus novos projetos: blogagens coletivas sobre práticas e experiências metarecicleiras, com o objetivo de propor discussões e questionamentos DENTRO E FORA DA REDE. Trazendo debates sobre sensibilização de low-tech, aprendizados e trocas, produção distribuída, gambiarra, recombinação, desconstrução, cibercultura, cultura livre, inteligência do meio, próxima natureza [...].

Para a primeira blogagem o núcleo editorial escolheu o tema “Dia da in(ter)dependência”, sincronizando-o com a data da chamada “Independência do Brasil”. A intenção foi unir materiais, sob diferentes perspectivas, que relatassem a interdependência das redes, os simbolismos, a necessidade de cooperação, as trocas,

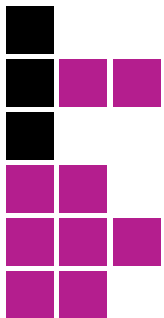
open spectrum, a ligação entre redes tradicionais e biológicas com as redes digitais, e a necessidade de um projeto de rede livre para o Brasil.

Assim, em 7 de setembro convidamos os membros da Rede para publicarem aquilo considerassem relevante, em seus blogs pessoais, no site da Metareciclagem, em microblogs como Twitter e Identi.ca, no Flickr, YouTube, del.icio.us, ou em qualquer outro sistema, usando a tag #metareciclagem e inserindo um dos selinhos da blogagem.

listagem disponível em:

<http://rede.metareciclagem.org/wiki/InterDependenciaPosts>

autores: dani matielo; dasilvaorg; efeefe; guima; hdhd; hudson; lelex; liquid; lula; maira begalli; susana gutierrez; tati prado; teia camargo; patricia fish.



_METARECICLAGEM E A IMPORTÂNCIA DAS REDES

/dani matielo

original em <http://dacamat.com.br/drupal/content/metareciclagem-e-importancia-das-redes>

Participar da lista do Meta e observar os movimentos, as construções (e algumas destruições), nos últimos meses, tem feito com que eu reflita sobre os conceitos de “rede” e, principalmente, “rede aberta”. Há quanto tempo falamos de redes? Sociedade de Rede, escreveu o Castells, dizendo que a tecnologia potencializava essa organização que desde sempre fez parte da existência humana.

Inúmeros autores também escreveram sobre redes, e nos últimos dias tenho brigado com um artigo que tem como título comercial “Web 2.0 to empower communities: reviewing digital literacy in telecentre projects”, cujo principal argumento é que se queremos realmente promover a transformação social, não basta que os usuários saibam usar o Word. Nem mesmo que saibam criar um blog. Para que a tecnologia possa realmente contribuir para a tão necessária e prometida mudança, é preciso que ela seja capaz de colocar as pessoas em rede.

Mas hoje não queria fazer um post acadêmico. Pensei que, talvez, como observadora/participante que chegou tarde na festa, minha maior contribuição para a conversa seja essa: um olhar ingênuo, que se impressiona e reflete sobre essa dinâmica em rede. Porque uma coisa é discorrer sobre a potencialidade, e outra, diferente, vê-la se desenrolando de maneira concreta, todos os dias. De repente, o “treinamento” do olhar etnográfico realmente serve pra alguma coisa.

Nesse sentido, queria deixar reflexões - insights - sobre o que vejo, mesmo sabendo que corro o risco de ser um pouco lírica. Não tem problema: o romantismo também faz parte da apropriação e do dia-a-dia da Rede.

Queria falar, então, sobre a idéia de que pertencimento gera valor. Pertencemos todos a muitas redes. Mas foi observando o dia-a-dia, as conversas e os trabalhos, os contatos que os metarecicleiros fazem, que finalmente entendi o que, na realidade, significa fazer

parte de uma rede que pode contribuir para a sua vida e seu crescimento. Não estou falando do conhecimento - talvez ironicamente, o aprendizado, individual e coletivo, de fazer parte de uma rede, seja a coisa mais óbvia de perceber nas dinâmicas em rede e nas conversas, mas de contribuições mais pragmáticas.

Fazer parte da rede MetaReciclagem, e apresentar-se como tal, possibilita a abertura de muitas portas, permite o estabelecimento rápido de contatos em um chão compartilhado. Dá acesso a um mundo de possibilidades - editais, pesquisas, parcerias - que se baseiam em um trabalho que foi realizado não por uma pessoa ou uma empresa, mas por uma rede.

Que, na prática, qualquer um pode fazer parte - desde que esteja alinhado com a proposta e, talvez tão importante quanto isso, disposto também a contribuir com a Rede. Compartilhar. E as dinâmicas do dia-a-dia refletem isso: o grau da entrega, do envolvimento, também está refletido em como a rede influencia e é vivida por cada um de seus participantes.

Existe a opção de uma participação menor, em que não exista contribuição efetiva, assim a Rede se desvanece. Entretanto, uma contribuição menor (por diferentes motivos) acarreta uma sensação de participação menor e, portanto, de pertencimento e usufruto também menores. A Rede sobrevive pelo investimento na própria Rede, que também poderia ser "contabilizado" por contribuições: existem diferentes formas de participação, e a medida não é a quantidade.

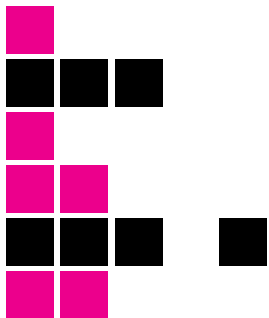
É como uma fazenda comunitária [ainda que haja o movimento contra os Walled Gardens, minhas metáforas estão irremediavelmente comprometidas pelo meu último vício], em que cada um pode colher

não aquilo que plantou, necessariamente, mas aquilo que sente que precisa e "tem direito". Não é "grátis", mas é "livre".

Essa liberdade, essa abertura, é também uma das ferramentas que contribui para potencializar a Rede: ela não tem um tamanho limitado. É, portanto, infinita. Podem existir sub-grupos, "sub-interesses": existem as ConecTazes, quando gente suficiente, suficientemente interessada em determinado assunto, faz um esforço conjunto para levar a cabo uma iniciativa. A iniciativa acontece, passa, a experiência fica - para ser compartilhada com outros. Imagino, apesar de não ter presenciado, que as ConecTazes também possam ser "revividas" por outras pessoas, em outros momentos. Afinal, na prática, não existe ensaio, como dizia Milan Kundera, tudo é feito de improviso.

É por tudo isso que acho especialmente sensível e interessante a proposta que deu origem a este post, do "Dia da In(ter)dependência", na Rede MetaReciclagem. Na prática, entendo que para fazer parte de uma rede é preciso, sim, autonomia e independência, mas também um reconhecimento de que é na colaboração e na contribuição, na vivência cotidiana da interdependência, que a potência do estar em rede se realiza.

Talvez tudo isso já tenha sido dito. Mas, como bem disse o Orlando, o recesso é sempre transformador, idéias são expressadas e re-expressadas o tempo todo. Conversas repetidas também geram valor, porque alcançam mais gente. Como a experiência do Conectivismo no Bailux, que o Regis postou recentemente: talvez a proposta já tenha sido discutida antes, mas por outras pessoas, em outros momentos. Reacessar também é criar.



_REDE EM REACESSO EM REDE

/dasilvaorg

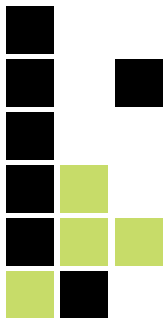
original em <http://reacesso.webnos.org/2009/09/07/rede-em-reacesso-em-rede/>

Quando vivemos da informação, até que ponto podemos fechar os olhos e cair livremente para trás como naquele exercício do teatro? O que as pessoas, de fato, falam e manifestam, e o que não? Isso importa? É preciso se deixar ser rede. Repensar o fazer. Refazer o pensar. Práxis. Encontrei essa necessidade permanente do reacesso quando a práxis é MetaReciclagem.

O “reacesso” tem a ver com um texto, uma informação que você já havia acessado, com a qual pro-

vavelmente já vinha operando de alguma forma meio “subconsciente”. Ou, ainda, sabe aquela coisa que quando você lê ou vê tem a impressão de que, de alguma maneira, já conhecia o conteúdo? Talvez porque você já estivesse lidando com ela na perspectiva semelhante a do “autor”.

Ainda que sem muitas explicações, me parece que também há algo de metafísico aí. Apenas o sentir, reacesso. Estamos falando Rede. Sentimos Rede. Vivemos Rede.



_INTERDEPENDÊNCIA ENREDADA

/efeefe

original em <http://desvio.weblab.tk/blog/interdepend%C3%Aancia-enredada>

Mandando minha colaboração para a blogagem coletiva do Dia da In{ter}dependência. Por conta de alguns movimentos recentes, mas ainda seguindo uma obsessão que já dura sete anos, tenho conversado bastante sobre a MetaReciclagem nas últimas semanas. Orlando trouxe uma imagem interessante - o recesso - que com certeza faz bastante sentido para mim. No processo de coleta e compilação do História da / Histórias de MetaReciclagem, uma das coisas mais importantes para mim foi poder revisitar hoje - com um pouquinho mais de experiência - as ações, ideias e insights do passado, minhas e nossas.

Tem um aspecto obviamente constrangedor: eu certamente não escreveria algumas coisas, não tomaria algumas decisões, e colocaria algumas coisas de modo diferente hoje em dia. Mas também existe a possibilidade de aplicar uma perspectiva histórica - afinal,

sete anos não são tão pouco tempo - e entender como as ideias se desenrolam e desenvolvem com o tempo. Essa dobra ajuda a trazer novas possibilidades para o futuro, ao passo que também segura um pouco a megalomania (hm, ok, não segura muito não).

Certamente todo o processo de coleta de material para aquela compilação histórica da MetaReciclagem foi influenciado pelos projetos, ações e leituras com os quais me envolvi nos últimos anos, e também certamente o recesso de todo esse material influencia o que eu vou pensar, escrever e articular hoje em dia sobre redes. Nesse sentido, o processo de desenvolvimento da infralógica da MetaReciclagem é totalmente influenciado pelo recesso. Mas acho interessante ir além disso: não só o recesso, mas também a reiteração e reforço de imaginário.

Ontem, às vésperas do Dia da In{ter}dependência, uma tuitada minha foi parar na rede MetaReciclagem.

Eu duvidava um pouco dos resultados efetivos da blogagem coletiva de hoje. Orlando, Mariel, Dani e Teia comentaram. Em especial me provocou o que a Dani falou: “‘rede’ é uma coisa que se sustenta muito além daquilo que as pessoas tentam escrever sobre rede”. Tenho certeza absoluta disso, mas existe também uma contra-influência: aquilo que as pessoas tentam escrever sobre redes não serve apenas para dissecar e analisar as redes, mas também influencia decisivamente seu desenvolvimento, em especial no caso de tentativas situadas de conceituação, o que é frequente na MetaReciclagem.

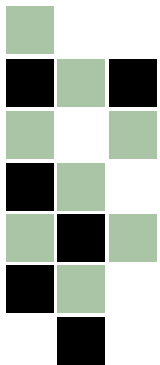
Nas últimas semanas, comentei algumas vezes, com diferentes pessoas, que metade da MetaReciclagem é ficção. Não que seja mentira, mas certamente o discurso que foi construído em torno da rede tem muito de recorte esperançoso, interpretação otimista e, obviamente, um aspecto de criação de mitos (que ecoa à exploração sobre Metamitogênese, nunca tão explicitamente articulada mas ainda assim bastante presente), e isso acaba mexendo com o modo com que as ações se desenvolvem. Paradoxo do real e agenciamento coletivo, diriam Hernani e Dalton. Nada de inesperado.

Ainda assim, a satisfação ao ver que esse tipo de construção de discurso acaba por influenciar positivamente a compreensão e a consequente vivência de rede que acaba sendo possível é difícil de explicar. Raquear a realidade - fazer as pessoas acreditarem na construção colaborativa e por causa disso começarem a agir de forma mais colaborativa.

É aí que aparece mais uma dobra: no último encontro de MetaReciclagem, eu comentei que para que a rede existisse era necessário que as pessoas conversassem mais, cotidianamente, sobre tudo o que fazem. Essa opinião não é totalmente sincera: tenho certeza de que se as conversas forem intermitentes e incompletas, ainda assim a rede continua se formando potencialmente a cada instante. Mas é meu papel (ficcional? dramático? regra do jogo?) pregar a documentação, a conexão e a construção em rede, e influenciar mais pessoas a agirem dessa forma.

Isso acaba me dando uma visibilidade desproporcional. O efetivo desenvolvimento da MetaReciclagem como rede também requer a influência de alguns profetas silenciosos e feiticeiros na fronteira, mas por conta da própria natureza do papel que assumem, eu apareço mais. Somos - documentadorxs, praticantes, articuladorxs, técnicxs - interdependentes, em um nível de complexidade que evita que as coisas percam a graça tão rápido.

Talvez seja possível uma redação alternativa à definição mais recente da MetaReciclagem: um jogo de interdependência. Bom para me lembrar que a rede é muito maior do que aquilo que nós - documentadorxs, comunicômanos e remitificadores - conseguimos apreender, e para dar uma certa tranquilidade de que o futuro ainda reserva muitos assuntos para a gente entender, relatar e reinventar. Espero que os outros papéis do jogo ainda tenham desafios como a gente. O caminho é longo e muito divertido. Vamos?



_DIA DA IN(TER)DEPENDÊNCIA

#METARECICLAGEM

/quima

original em <http://lablivre.wordpress.com/2009/09/07/dia-da-interdependencia-metareciclagem/>

#mutsaz! • primavera 2009

7 de setembro, dia da In(ter)dependência metarecicla: dia de blogagem coletiva das práticas e experimentações metarecs. Decidi jogar na rede este blog para documentar meus desdobramentos físicos, astrais e espirituais nesta teia xamânica de circuitos mentais e digitais e vice e versa.

Xamanismo é a natureza consciente. Quando sabemos e escolhemos contemplar e aprender com a natureza estamos praticando o xamanismo. O que é esta máquina que estou usando para me comunicar e aprender, se não a própria natureza Meta-morfoseada em instrumento de Trabalho para minha evolução? Escolhemos transformar a natureza e aperfeiçoar a forma do “barro” de modo a nos ser útil em nossa caminhada.

Eu sou um Xamã, pois aprendo com a natureza. Desprendo conceitos e pré-conceitos por meio do “barro transformado e moldado” para me atender, ao mesmo tempo em que agrego energias ao meu viver. Por

meio deste “barro” eu me comunico, conecto e desconecto da Teia Xamânica, a Teia da Vida, digital, ancestral, física ou astral... Não importa qual o meio por onde me manifesto, o que eu sou é Xamã pois estou na rede e me transformo com ela.

No budismo os elos da interdependência são conhecidos como nidanas (12 elos) pois são 12 as conexões da vida (Roda da Vida) que nos permitem experimentar a Ação e Reação - inclusive o nascimento e a morte fazem parte da vida, a construção e a desconstrução são interdependentes pelas ligações imemoriáveis da vida. Por que nos apegarmos ao nascimento ou a morte?

A Roda da Vida é apenas um veículo de evolução. Não devemos ficar presos a conceitos externos à nossa essência, simplesmente devemos aprender para ser. Metareciclagem também é natureza. Estamos aprendendo para desconstruir idéias e padrões, o movimento antropofágico continua.



_META INDEPENDÊNCIA

/hdhd

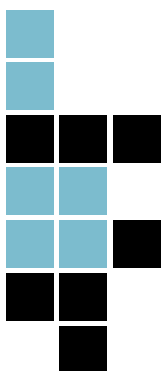
original em <http://marketinghacker.com.br/index.php?itemid=3797>

Como diz Espinosa: “Liberdade não é um direito. É uma conquista.” Eu acho que independência também não é dada. Há de se hackear. Independência desde sempre foi a proposta do MetaReciclagem. Não foi por acaso que o MetaRec entrou no circuito da mídia tática e, sob esse espírito, tem participado efetivamente do processo de apropriação da tecnologia para a transformação social.

Não sei se é apenas a minha percepção, mas creio que o MetRec tem contribuído de forma impactante para a revolução de que fazemos parte. A pegada do nosso tempo nos apresenta mudanças drásticas que evidenciam como a sociedade está se moldando. Precisamos pensar que uma grande parte das pessoas conectadas são consideradas “foras da

lei”, simplesmente por baixar músicas, filmes, publicar conteúdo proprietário. Projetos como o sabotagem apenas informam que a multidão hiperconectada não está afins de respeitar o copyright. Ninguém segura essa explosão de necessidades.

Copyright é apenas uma questão. Não adianta conhecer o que está invisível para uma grande parte da população. Atuar no gap informacional em quaisquer instâncias tem sido o nosso campo de ação. Oficinas, conversas e desconferências são espaços de agenciamentos coletivos. O conhecimento quer ser livre. As pessoas querem o acesso livre. Esse é um enclave para se conquistar. A MetaIndependência de links, de agenciamentos, de generosidades e daquilo que nos faz continuar a ser humanos. Essa é a forma da revolução se propagar.



_DIA DA IN(TER)DEPENDÊNCIA METARECICLAGEM

/hudson

originais em

<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-1>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-2>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-3>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-4>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-5>
<http://metasorocaba.ning.com/profiles/blogs/dia-da-interdependencia-6>

Hoje, 07 de Setembro, feriado nacional, dia em que comemoramos a Independência do nosso País - onde ecoou um grito de liberdade da nação brasileira também ocorreu um evento marcante a um grupo de pessoas que lutam pela interdependência de uma rede.

Eclode um movimento - que mostra a força das redes [tradicionais, biológicas ou digitais] demonstrando a importância da troca de conhecimento entre as pessoas - denominado "DIA da In[ter]dependência". Participando desse movimento, trago minha pequena con-

tribuição falando sobre a In[ter]dependência do MetaReciclagem em Sorocaba.

Há 5 anos, já existia aqui na cidade um grupo de pessoas desenvolvendo e fazendo MetaReciclagem em Sorocaba. Era o Nave.org, onde trabalhavam com o conceito de inclusão digital para a população sorocabana, que atualmente faz parte do coletivo MetaReciclagem.

MetaReciclagem não é curso de Hardware, manutenção de computadores. Mas sim uma nova perspectiva de visualizar os atuais conceitos da utilização da tecnologia em nossas vidas, é uma rede distribuída que atua

desde 2002 no desenvolvimento de ações de apropriação de tecnologia, de maneira descentralizada e aberta. Agrega projetos independentes relacionados a arte, design, educação e tecnologia de coletivos e pessoas.

Tem como bases a desconstrução de hardware, o uso de software livre e de licenças abertas, a ação em rede e a busca por transformação social. Em Sorocaba nasceu também um projeto com os mesmos ideais, que foi o MetaJIM, onde iríamos disseminar os conceitos do metareciclagem para a população sorocabana, que aconteceu em 14/04/2007.

Foi o primeiro caso em que a metareciclagem começou a transformar vidas e mostrar que o mais importante no uso das tecnologias são as pessoas que delas usufruem, a fim de transformar suas próprias vidas. Em outubro, a Prefeitura Municipal de Sorocaba convidou alguns metarecicheiros (Dalton, Andre, Joe, ...) para ampliar os ideais do metareciclagem. Foi onde nasceu o projeto MetaSorocaba, como um projeto mais amplo e com apoio de uma instituição de grande porte, pois já havia outro projeto chamado MetaClave, onde estávamos estudando como implementar os conceitos do metareciclagem na educação.

Assim surge o projeto METASOROCABA, que seria uma das ações que englobam o projeto “Bairro mais Feliz”, iniciativa da Prefeitura de Sorocaba com o objetivo de realizar um programa de oficinas e formação de comunidade para um grupo de 200 jovens do bairro Nova Esperança para uma ampla formação num processo de inclusão digital e geração de renda, através da metodologia de MetaReciclagem.

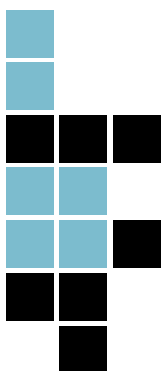
O projeto MetaSorocaba permite que a comunidade se aproprie da sua unidade, transformando-a em um espelho cultural do local em que foi implementada, con-

cedendo também aos cidadãos a liberdade de decidir, via conselho gestor, os rumos das atividades que são oferecidas aos frequentadores.

Será um espaço comunitário, de uso gratuito e acesso irrestrito, para promover a inserção tecnológica, a divulgação da ciência, cultura e arte, gerando a ampliação da cidadania através de grandes fios condutores como: democratização das comunicações, compartilhamento de conhecimento, valorização étnica, respeito à diversidade e desmitificação das tecnologias.

Terá o objetivo de propiciar que os cidadãos sejam incluídos digitalmente de modo que não apenas aprendam o mínimo de informática, mas possam participar da vida em sociedade, questionando e agindo frente os problemas socioeconômicos de nosso país, exercendo assim seu direito de cidadão, contribuindo para a melhoria do ensino, aprendizagem, reciclagem e ações para o desenvolvimento humano no município de Sorocaba, por meio de uma política de inclusão digital cujo foco será a introdução das novas tecnologias e ferramentas como instrumentos de apoio ao processo educacional e de capacitação tecnológica da população socialmente desfavorecida, através de um movimento descentralizado, que tem como objetivo a autonomia tecnológica no hardware e software e a consciência ecológica, chamado MetaReciclagem.

Esse projeto é voltado para a tecnologia social, alicerçado nas possibilidades de replicação de conhecimentos e ideias. O processo envolve o desmanche das máquinas (computadores obsoletos), seleção de peças (hardware) em boas condições, pintura de gabinetes e monitores, desmitificação da tecnologia e recomposição dos equipamentos, despertando não só o conhecimento técnico, mas também a importância dos princí-



plos colaborativos de grupo. Esse movimento em que o projeto se dedica a aplicar é baseado em Software Livre, permitindo rodar em máquinas menos potentes (lowtech), cumprindo com muito sucesso tarefas como escrever textos, planilhas, trocar e-mails, comunicação instantânea, acesso à internet, etc.

Trabalhar com MetaReciclagem é a arte de transformar, melhorar, transcender uma ideia e, no caso da inclusão digital, o lixo eletrônico, em ferramentas de apropriação tecnológica para transformação e desenvolvimento social. A MetaReciclagem vai além do trabalhar técnico, ela propõe humanizar as tecnologias como fonte de conhecimento e desenvolvimento para a formação de jovens, adolescentes, crianças e idosos.

As oficinas do MetaSorocaba, em princípio, aconteciam no MetaJim, pois a Prefeitura estava arrumando o futuro espaço para as oficinas Metasorocaba.

O programa de oficinas tinha como objetivo a formação de comunidade metareciclagem para um grupo de 50 jovens do bairro Nova Esperança que, para uma ampla formação num processo de inclusão digital e multiplicadores de conhecimento, seria dividido em duas turmas de 25 jovens.

Os objetivos seriam:

- Promover o acesso da comunidade de baixa renda à tecnologia, incluindo socialmente e digitalmente através da MetaReciclagem, valorizando a ação para conservação do patrimônio constituído para o funcionamento do laboratório ou telecentro;
- Desenvolvimento da consciência de trabalho em grupo para colaboração com a comunidade, trocando experiências e compartilhando conhecimentos;

- Gerar independência tecnológica na manutenção de laboratórios e telecentros;
- Possibilitar a criação de uma cooperativa de trabalho para prestação de serviços de ótima qualidade à comunidade de baixo IDH, fomentando a auto-sustentabilidade local para criação de outras ações de cunho social e tecnológico;
- Despertar a criatividade para utilização da tecnologia para outros fins além da computação apenas;
- Utilização do computador e da Internet como instrumentos de apoio à educação escolar, ao acesso a emprego e renda, e ao exercício da cidadania;
- Contribuir com a melhoria da qualidade da educação básica, permitindo que alunos das escolas públicas utilizem novas metodologias de aprendizagem e acessem um maior volume de conteúdos curriculares e extracurriculares, proporcionando melhoria no nível educacional e cultural;
- Possibilitar uma reflexão ampliada, junto ao público-alvo, sobre a importância do conhecimento e do trabalho como processo de crescimento pessoal e social.

E suas metas:

- Tornar-se referência para a campanha municipal de arrecadação de equipamentos considerados obsoletos ou não;
- Montagem de turmas em diversos locais do município, para a execução de oficinas similares, com os multiplicadores saindo dessas oficinas aptos a atuar na recuperação de equipamentos doados para constituição de novos laboratórios e telecentros como resultado da ação;
- Capacitação de pessoas para gestão e manutenção

de telecentros e laboratórios;

- Criação de projetos para auto-sustentabilidade dos diversos telecentros e laboratórios;
- Avaliação do impacto do Projeto, nas escolas e comunidades atendidas, em relação ao uso dos recursos tecnológicos e da informação no processo de ensino e aprendizagem e no aproveitamento das oportunidades locais ou regionais de trabalho, emprego e renda;
- Captação de computadores antigos (lixo digital/sucata tecnológica) que são retirados do mercado devido à falsa obsolescência incentivada pela indústria, e que, por essa razão, possui um valor comercial bastante reduzido;
- Construção de novos computadores a partir da sucata. As máquinas deixam de estar na posse do projeto para que passem a pertencer àqueles que as reciclaram;
- Todos podem desmontar os computadores, examinar e trocar os componentes, construir conhecimento a partir da própria tecnologia como um todo, do hardware ao software;
- Pintura dos computadores, onde antes eram vistas como sucata, agora são personalizadas de acordo com os interesses de cada um, tornando-se artefatos culturais fruto da autoexpressão do utilizador;
- O lixo resultante do processo de reciclagem constitui um novo meio de subsistência econômica para as comunidades. Depois de separados, o plástico duro, o metal, os cabos e outros materiais das máquinas podem ser vendidos separadamente. Os computado-

res reciclados também podem ser comercializados a baixo custo à população local;

- Ocupação de espaços em centros comunitários, mediante a criação de telecentros para acesso da população à tecnologia reciclada. Os próprios laboratórios de reciclagem são transformados em centros locais de formação profissional;
- Utilização e desenvolvimento de software livre por ser a opção tecnológica mais econômica à medida em que o código dos programas pode ser adaptado às necessidades específicas das comunidades no seu cotidiano;
- O sistema operativo GNU/Linux é instalado em todos os computadores reciclados, o que evita a dependência de soluções proprietárias e permite a distribuição legalizada das máquinas e do software.

Em Dezembro de 2007 foi lançado o “Projeto Bairro Mais feliz”, em que os jovens fizeram uma apresentação à comunidade e mostraram o potencial do projeto junto a população Sorocabana. O espaço já contava com a montagem do telecentro, onde os próprios jovens construiriam esse processo com auxílio do coletivo MetaReciclagem. Em março de 2007 houveram algumas mudanças, feitas pela Prefeitura, no projeto, e nós, do Coletivo MetaReciclagem, não mais participávamos da gestão e execução das oficinas, e os jovens participaram da inauguração do Espaço MetaSorocaba.

Pois eu acho que uma das características primordiais dessa lista é que aqui a gente tira tempo pra se falar. O contrário de tantas outras listas, que são pra tirar tempo da gente com coisas pra fazer...

Tá certo que a gente tá tentando tirar tempo pra fazer algumas coisas essenciais aqui pra lista... Mas, será que não estamos resistindo a essa tarefa? Será que a gente no fundo quer mais que essa nossa lista mantenha esse espaço de tempo pra gente poder se falar? Será que estou a justificar minha preguiça com a metáfora da resistência?

Sei lá, mas se a gente entrar numas de cobrar do outro aquilo que a gente não faz, mas que tem que ser feito, a gente vai estar reproduzindo um pouco daquilo que nos incomoda, que criticamos. Uma vez eu participei, colaborei, realizei, tive também a idéia de uma greve do trabalho doméstico. Então, todas fizeram, chegaram apoiaram essa idéia, botaram ela na rua... a gente teve até nota e imagem do Fantástico.

E a pergunta foi feita por todos os "grandões" (direções midiáticas, partidárias, governamentais, sindicais, etc): como seria mensurado o impacto da proposta, o resultado da greve, quantas mulheres entraram em greve, pararam o trabalho doméstico? O impacto, o resultado, foi mensurado. Porque nos interessava que alguém, naquele dia, declarasse: "hoje eu não faço mais nada".

Os serviços essenciais seriam garantidos; cuida-

do com crianças, idosos, doentes - é óbvio que não nos negaríamos a atender. Bastava que um prato não fosse lavado. Se uma parasse total, que maravilha! E teve mulher que parou total, sentou até em cadeira de praia na frente de casa dizendo: virem-se, hoje eu não faço mais nada! Essa foi parar no Fantástico. A gente tem menor idéia de quem era a pessoa, mas ela leu um panfleto, gostou, achou que era isso mesmo, ver pra crer. Disse que sua casa ficou o maior caos.

O repórter se espantou: "Mas amanhã a senhora terá trabalho dobrado!" e ela respondeu: "Os trabalhadores, quando fazem greve, ao voltar para o trabalho têm que colocá-lo em dia, recuperar o prejuízo do patrão pra compensar o aumento. Trabalho doméstico tem que ser feito todos os dias, e é a mulher quem faz, muitas em dupla jornada. Amanhã eu faço o que não pude fazer hoje. Não se trata de trabalho dobrado, mas que é o trabalho que garante a roda, que faz a economia girar".

Então, se um, dois, três, blogaram, já está de bom tamanho, a idéia é se se torne um hábito, um costume. Quem sabe assim vire lei, determinação... hehehehe.

Depois de passar uns dias em retiro absoluto, em convívio com pessoas que exercitaram ao máximo seus dotes para aceitação, compreensão, cumplicidade, enfim... exercícios de tolerância, estratégias de resistência, táticas de permanência, acho que não é prudente eu ficar achando que isso ou aquilo, basta eu reconhecer que: QUE BOM QUE ALGUNS BLOGARAM!!! Eu sou interdependente!!!

_DIA DA IN(TER)DEPENDÊNCIA

/lula

original em <http://www.locoporti.blog.br/dia-da-interdependencia/>

Precisamos reinventar o Brasil. Porque as narrativas que o inventaram têm sido exclusivamente daqueles que se abraçaram à ordem e ao progresso da bandeira, daqueles que sempre tiveram em mãos os instrumentos certos para que seu discurso fosse entronizado. É preciso redesenhar o Brasil à imagem e semelhança de sua precária virtuosidade.

É preciso reinventar a fala do Brasil sobre o Brasil.

Francisco Oliveira já afirmou de tantas formas diferentes, em tantos lugares diferentes: a anulação da fala, do dissenso e da política fazem parte de nossa História. Mais até: é a forma pela qual se desenhou o mapa do Brasil, nossa História extemporânea. O mesmo Chico nos disse que a procura da política, seu encontro e manifestação, sempre foram demandas da parcela dos sem parcela, daqueles extratos que na matemática oficial não contavam. Ou não convinham.

No entanto, o silenciamento da fala, a relativa anulação da política, a contagem daquilo e daqueles que contam e que merecem ser contados, sempre estiveram ancorados à conveniência dos que escreviam a História.

É preciso recontar o Brasil, sua cartografia de dis-

cordâncias, seu mapa de vozes, de dissensos que passeiam todos os dias nas ruas, encharcadas de suor, poeira e brilho. A necessidade da retomada do Brasil passa pela retomada das tecnologias que permitem suas narrativas, seus mapeamentos, suas linhas de fuga:

Rancière, filósofo francês, viu e descreveu a base dessa interpretação de forma mais clara: desde a antiguidade grega, os que merecem ser contados são aqueles que detêm o conhecimento, a faculdade de pensar e de articular a palavra. Coincidentemente (!), essas mesmas pessoas eram os ricos da sociedade grega. Os detentores desse conhecimento, e do conhecimento sobre o conhecimento, do logos, eram os Homens.

Os outros não mereciam a discussão política, não mereciam ser representados nem se representar, não possuíam a palavra pois não tinham o logos, nem podiam ser contados: não eram homens. Esses mesmos não-homens inventaram seu logos, suas leis, e inauguraram a política.

Como não pensar que a retomada e apropriação crítica de tecnologias é uma subversão do modelo de contagem que Rancière descreve? (Sei que isso é uma

analogia, que por sua vez expressa o pensamento aristotélico e platônico sobre o qual se edifica a forma de conhecimento sedentário. Mas também é preciso se descarregar do peso dessa diferença entre o pensamento nômade e o pensamento sedentário. Essa oposição é frustrante e imobilizadora.]

Como não pensar que os não-cidadãos gregos anteciparam cooperações, adequações, gambiarras e

formas de compartilhamento simbólicos? Os modos de apropriação crítica das tecnologias de informação e comunicação são formas de recontagem, ou pelo menos abrem possibilidades para que outra contagem aconteça - concatenadas cacofonias. O alfabeto necessário para isso inclui afetos e vivências, implica na invenção de um cotidiano, na descoberta de outros, ações coletivas, paixões coletivas, jardinagens bivolt e alguma alegria.

EU_METAREC

/maira begalli

original em <http://bikini.veredas.net/2009/09/eumetarec.html>

Um dia desses tive a oportunidade de revisitar, escrever, editar, ler e pirar em muitas coisas do arquivo da rede. Por isso foi complicado decidir o que iria escrever/postar. Cheguei a separar muitos links, escrever e deletar - muitas vezes. Mas não estava bom.

Como propusemos a questão da interdependência, pensei que seria interessante (ah tudo bem, interessante é pretensioso demais, então, divertido) aplicar esse termo para eu_no_metarec.

Foi uma inquietação simples, embora presente em muitos dos materiais que li: ninguém participa de uma rede isolado ou sozinho, ninguém faz parte de um coletivo se não compartilha de algumas atitudes, princípios e identidades.

Googleei meu primeiro email para lista, e apliquei um exercício comum ao meu dia-a-dia, o de não me prender aos fatos do passado, mas construir um futuro novo para poder olhar as coisas de outra perspectiva. O efeefe usou uma expressão: "passado fluído" . eis uma parte do meu:

Em 26/01/08, Maira Begalli, escreveu:

Olá, Meu Nome é Maira Begalli, tenho 23 anos. Fui convidada pelo Felipe para entrar aqui ;) Sou jornalista e Gestora Ambiental, terminei minha pós em Comunicação Jornalística, voltada para apropriação da mensagem no multimídia. Trabalhei como assessora de moda internacional durante 5 anos.

Nunca gostei do que fazia pelo niilismo do meio, pela pandemia do eucentrismo que domina o habitat fashionista. Porém, nele aprendi muita coisa, como analisar a sociedade, e como ver várias coisas que ficam escondidas de muitos. Fiz contatos importantes. E, em julho/07, decidi parar porque não aguentava mais. Era como seu eu tivesse um alterego, e não sabia o motivo pelo qual fazia aquilo. Então comecei a fazer freelas. Estou como correspondente de uma revista digital de Portugal muito bacana - que ainda não foi lançada - e busco consolidar algo agora.

Bom, meu projeto tem a ver com a Era da Iconofa-

gia, que é latente na sociedade contemporânea. Nela as pessoas foram engolidas por imagens midiáticas, que propunham sonhos e significâncias em uma linguagem rasa e instantânea. Ícones que se tornaram mediadores das mensagens e hipnotizadores ao mesmo tempo. Isso é mais latente nos jovens, mais expostos à linguagem publicitária – que, por sua vez, se apropriou da arte (esta intrínseca ao homem) – mais do que qualquer outra geração.

Esses meios criaram mensagens globais, não mais de comunicação ou informação, mas de exposição. A máxima do Espetáculo de Debord: só o é bom aparece, e todas as coisas boas passaram a ser ligadas a experiências de marca e consumo. O portal criado pelo SPFW (www.spfw.com.br) fez isso. Ele se apropriou dos conceitos de colaboratividade, que nós defendemos e estudamos. E criou o My SPFW (porque todo mundo quer ser famoso e lindo).

Hoje reconheço algumas partes de texto. Naquela época eu estava bem mais perdida, buscando novas possibilidades, buscando não caminhar mais sozinha, poder ajudar e ser ajudada.

Um ano e meio é relativamente pouco tempo, mas de lá pra cá consegui desviar para alguns lugares legais. E, dentro desse período, estabeleci alguns vínculos importantes com pessoas da rede. Pessoas com quem pretendo cultivar projetos, sonhos, vidas livres.

Se tudo isso existe? Jardinando descobri que “depende” :P

Em 13/07/2004:

efeefe: Na prática o nome MetaReciclagem é uma bandeira pirata, usamos quando necessário pra subverter

preconceitos mentais de pessoas que ainda pensam como no século XX - a marca Kolynos é dentes brancos, a marca Omo é roupas brancas, a marca Medellin é outras coisas brancas. Não podemos acreditar no poder da marca. Não podemos levar “o metareciclagem” a sério, porque nada pode ser levado a sério. Essa correria toda que a gente faz é só o começo de uma época de inovação. Anota aí: daqui a sete anos a gente vai olhar pra trás e rir. Ou chorar. Não podemos acreditar que o que já fizemos até agora é a grande revolução. Essa ainda nem começou.

amigo do fernando: Quando falo do grupo para pessoas de fora, chamo de metareciclagem.

efeefe: Perfeito. Estratégia pirata.

amigo do fernando: Quando saio de casa para encontrar o grupo digo a minha mãe que fui encontrar o metareciclagem pois se disser que fui ao encontro do grupo que não existe ela pode achar que estou com febre.

efeefe: Melhor ainda.

amigo do fernando: Não leve muito a sério essa história do grupo que não existe, o grupo existe mesmo sem existir, é inevitável.

efeefe: Sim. Existe e depois inexistente. E existe como conceito com todo mundo que quer conversar sobre tecnologia social. E existe como identidade de um grupo de pessoas que está trabalhando em menos de meia dúzia de projetos.